

## ICONOGRAFIA DO JUDEU NA AMAZÔNIA

Alessandra F. Conde da Silva

No final do século XIX, Inglês de Sousa no conto “O baile do judeu” descreve peculiaridades psicológicas a propósito da figura do judeu: “Ora, um dia, lembrou-se o Judeu de dar um baile e atreveu-se a convidar a gente da terra [...] Lá estavam, em plena judiaria, pois assim se pode chamar a casa de um malvado Judeu [...]” (SOUSA, 2004, p. 103). O atrevido e “malvado judeu”, possível adorador de uma “cabeça de cavalo” e “inimigo da Igreja” (SOUSA, 2004, p. 103) perpetua a imagem do judeu assassino de Cristo que a tradição literária e iconográfica desde a Idade Média ajudou a formar no imaginário sobre o judeu. Na *História da feiúra* de Umberto Eco (2007, p. 266), o judeu é descrito como pessoa de aspecto feio. É um ser do mal. Deve ser temido. Assim, maldade e feiura andam juntas: “O rosto, a voz, os gestos do ‘feio’ judeu tornam-se (e desta vez a sério) sinais da deformidade moral do anti-semita. Invertendo um dito de Brecht, o ódio contra à justiça ‘endurece os rostos” (ECO, 2007, p. 267). Em textos medievais como em *A demanda do Santo Graal*, o judeu é descrito como um homem muito velho, desnudo e com longa cabeleira. Trata-se, na verdade, de Caifás, sumo sacerdote do templo hebreu, na época de Cristo. No conto, inicialmente, não se sabe se é homem ou mulher. Sua imagem é asquerosa, esquelética, principalmente porque é condenado a padecer a fome eterna (DSG, 1995, p. 316-317).

No século XVI, Shakespeare (2001, p. 18) faz Lanceloto Gobbo repercutir a imagem do judeu ligada ao demônio que a tradição medieval reverberou: “Não há dúvida, o judeu é a própria encarnação do diabo [...]”. Ainda em tempos medievais, houve a divulgação da lenda do judeu errante, do qual o judeu Caifás, da Demanda, derivaria. Segundo a lenda, Ashver era um sapateiro da Via Dolorosa que foi condenado a perambular eternamente pelo mundo por escorraçar Cristo de sua porta. A condenação é brutal, prenunciando a tragédia judaica de um povo errante, que a partir do século XIX ganha maior exposição. Este personagem obteve com o tempo outros retratos que o aproximaram da imagem do feiticeiro, e de Anti-Cristo como vê-se, por exemplo, na literatura de cordel nordestina, como comenta-nos Jerusa Pires Ferreira (2000).

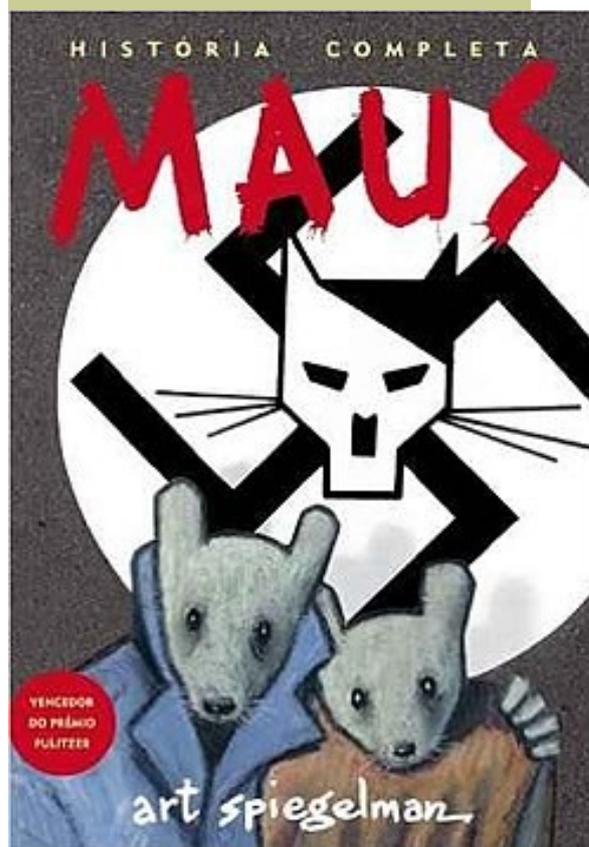
Com esta temática, poetas nacionais produziram poesias belíssimas. O judeu errante torna-se tema da eterna peregrinação e solidão. Castro Alves, com o seu *Ahasverus e o gênio*, de *Espumas Flutuantes*, Carlos Drummond de Andrade com *A incômoda companhia do Judeu Errante*, da obra *Boitempo*, e o *Judeu errante* de Vinícius de Moraes, pertencente ao livro *O caminho para a distância* são exemplos deste mito literalizado. Marie-France Rouart (apud BRUNEL, 1998, p. 667), no *Dicionário de Mitos Literários*, de Pierre Brunel,

comenta que vindo o mito da tradição oral, ganhou grande expressão na literatura:

Valorizado por sua dupla história, humana e teológica, o Judeu errante fascina tanto por sua fábula como por seu discurso: ele está ligado à cultura popular, que procede por identificação com o réprobo, da mesma forma que à cultura erudita. Cada autor pode ver nele, de fato, o porta-voz de uma ideologia ou de uma controvérsia. (ROUART apud BRUNEL, 1998, p. 667).

O conto de Euclides da Cunha, *Judas-Ahsverus*, une duas figuras da tradição cristã. A imagem de Judas é associada a do judeu errante. Euclides o contextualiza entre os seringueiros do Alto Purus, evocando a tradição da malhação do Judas: "E judas feito Ahsverus vai avançando vagarosamente para o meio do rio" (CUNHA, 1999, p. 56). No século XX, a imagem maléfica do judeu permanece.

Em *Maus*, *graphic novel* de Art Spiegelman (2009), os judeus são ratos, enquanto seus algozes nazistas são desenhados como gatos. Em uma das tirinhas, vê-se um rato, por ordem dos nazistas, a segurar um cartaz com o dito: "Eu sou um judeu sujo" (SPIELGMAN, 2009, p. 35). Em *Olhai os lírios do campo*, de Érico Veríssimo, Castanho sentencia: "[os judeus vão minando o nosso edifício social, preparando a queda da nossa civilização]" (VERÍSSIMO, 1988, p. 163). Em *A guerra no Bom Fim*, de Moacyr Scliar (2011, p. 11), Marcos, o único judeu da escola, precisa lidar com o ódio do seu professor, alto, louro, de olhos azuis, que sempre acusava os judeus de causarem males à humanidade. Um polonês vociferava o seu ódio aos judeus erradicados no Rio Grande do Sul, enquanto a Segunda Guerra Mundial prosseguia na Europa:



Capa do livro Maus de Art Spiegelman. 2009.

– Judeus de uma figa! – gritava – Os alemães vão fazer a peça em vocês! Já começaram, está bom? Já começaram. Estão fazendo sabãozinho de vocês. Estão assando vocês nos fornos, que nem galinhas depenadas. Que nem churrasco! (SCLiar, 2011, p. 14).

Mas nem sempre o judeu fez parte da iconografia do horror e do medo. Talvez melhor deveríamos dizer que a judia logrou iconografia, ligeiramente, menos antissemita. Baudelaire cantou a beleza da "judia vesga", um tipo de "beleza meduséia" (PRAZ, 1996, p. 59) que seduzia e aterrorizava ao mesmo tempo. Mas o romantismo emprestou à judia uma outra imagem. Tomás Ribeiro, em 1868, na literatura portuguesa, com *A judia*, poesia pertencente à antologia *Sons que passam*, apresenta um caráter passadista, descrevendo a judia com olhos ternos, condescendentes e apaixonados: "Anjo sem pátria, branca fada errante, / perto ou distante que de mim te vás, / há-de seguir-te uma saudade infinda, / hebreia linda, que dormindo estás". (RIBEIRO, 1958, p. 251).

Na literatura inglesa, no século XIX, em "Daniel Deronda", romance de George Eliot, pseudônimo literário de Mary Anne Evans, a judia é retratada com simpatia e indulgência. Deronda vê uma figura frágil e angelical, às margens do Tâmesis. Mas algo de excêntrico chamou a sua atenção: "[...] sua beleza delicada, suas linhas harmoniosas e a cor de sua pele é que eram excepcionais, e isso tornava impossível não despertar interesse". (ELIOT, 1997, p. 159). Quer a judia de Ribeiro quer a de Eliot são mulheres exóticas, lindas e sofridas. Mulheres sem pátria, peregrinas em um mundo mau: "Eu não tenho para onde ir", diz a judia (ELIOT, 1997, p. 161). Na judia de Ribeiro, evoca-se a imagem do judeu errante:

Em todo o mundo estrangeira, / toda a vida peregrina! /  
Vede se há mais triste sina: / ser rica e não ter um lar! /  
Sempre a lenda de Asevero! / sempre o decreto divino! /  
sempre a expulsar-me o destino,  
como Abraão à pobre Agar! / Que pode valer à hebreia /  
sentir n'alma chama infinda, (RIBEIRO, 1958, p. 255).

Entre aspectos de condenação e de piedade construiu-se um *corpus* iconográfico a respeito do judeu e da judia, não apenas na literatura produzida na Europa ou por escritores de renome nacional, mas, na Amazônia, essas imagens ganham relevo e expressividade.

Na literatura feita na Amazônia veem-se os mesmos ecos que a tradição literária europeia se serviu ao longo dos tempos. Em Inglês de Sousa, a casa do judeu é a casa do demônio, espaço em que criaturas sobrenaturais surgem para corromper e seduzir as pessoas. Não estaria a figura do judeu aliada à imagem do demônio? Além disso, perdurou a tradição que associou o judeu ao lucro, à agiotagem, à maldade e à perversão. Luís Câmara Cascudo (2001, p. 149), apresenta um extenso vocabulário agressivo em que o judeu foi representado na tradição ibérica e também nacional. As expressões "[...] judiaria, malvadeza, sadismo, perversidade" ganham relevo.

Na literatura feita por escritores judeus sefarditas, há uma outra construção imagética referente aos judeus. Os sefarditas imigraram para terras amazônicas desde o início do século XIX. Advindos muitos deles do Marrocos, buscaram na Amazônia um espaço de refúgio. Sempre errantes, já haviam sido expulsos da Península Ibérica desde o final do século XV e em terras

marroquinas, do império otomano, europeias e mesmo brasileiras, ainda no século XVI, buscaram abrigo. Judeus askenazitas, de origem europeia, também imigraram para a Amazônia ainda que em menor escala. Samuel Benchimol (2008, p. 187), autor de *Eretz Amazônia*, comenta a propósito da imigração de judeus sobre estas terras:

Um número muito grande de famílias judaicas desapareceram para o judaísmo, pois seus descendentes no interior foram incorporados à massa anônima dos caboclos empobrecidos, que adotaram o culto católico, evangélico, espiritista e até umbandista, esquecendo de vez as suas origens ancestrais judaicas. Pelos nossos cálculos existem, hoje, em toda a Amazônia, cerca de 283.859 Judeus-caboclos, descendentes dos sefaraditas e forasteiros do Marrocos e de askenazitas europeus, cujas primeiras levas de migrantes chegaram à região a partir de 1810.

Na história da imigração judaica no Brasil, a aculturação mostrou-se prática comum, desde os primeiros movimentos colonizadores, acarretando um desfazimento da cultura judaica e adoção de cultura religiosa outra no novo espaço de imigração. Nas regiões norte e nordeste, sobretudo na segunda, restam ainda resquícios de rituais judaicos, assunto debatido por Câmara Cascudo (2001, p. 161), a respeito da presença judaica no Brasil. Esta relação agora deixa de ser aculturação e torna-se transculturação, pois, tanto a cultura judaica quanto a brasileira sofreram modificações, quando do seu encontro. Benchimol (2008, p. 170) comenta sobre a necessidade de se modificar a dieta ritualística judaica em terras amazônicas, adotando temperos e alimentos amazônicos. De igual modo, o Rabino Nilton Bonder (2010, p. 11) atesta que

diferente do que se apregoa, os judeus costumam acolher as culturas e as identidades com as quais interagem. Atesta isso o ato de adicionar idiomas de sua origem (Hebraico, Ladino, Arbia-Raquitia), além de influências nos costumes, culinária, artes e interesses em geral integrados como parte do patrimônio da cultura dos antepassados. Tal permeabilidade é a grande responsável pela manutenção da identidade e esta medida entre ser refratário e acolhedor ao contexto acaba por estabelecer um novo e criativo diálogo do qual emerge um inédito personagem. Neste particular o judeu sefardita demonstra maestria: ele finca novas raízes entre umbus, sapucaias e andirobas, mas de seu caule ainda verte o látex ancestral.

Além disso, há a devoção ao rabino Shalom Emanuel Muyal, sepultado em Manaus, no cemitério São João Batista, que ganhou a atenção da comunidade judaica, que rende honras à sua memória, e da comunidade católica que lhe presta orações e oferendas, na busca por graças e milagres. Segundo os não-judeus, o rabino Muyal faria diversos milagres (LINS, 2010, p.

154-155). Neste caso, a iconografia do judeu foi alterada. Já não se trata mais de apresentá-lo como o mau judeu, assassino de Cristo, mas agora a sua imagem conduz à devoção e à piedade.

Na literatura amazônica, há três escritores sefarditas que retrataram judeus em suas obras: Paulo Jacob, Marcos Serruya e Sultana Levy Rosenblatt. A diversidade iconográfica a propósito do judeu nestas obras revela alguns capítulos da história judaica no Brasil, sobretudo na Amazônia. Paulo Jacob (1981, p. 126), em *Chuva Branca*, apresenta um personagem judeu, dono de venda. O judeu Salomão recebe o ódio de Luís Chato por ser avaro e desonesto nos negócios: "Aquele sacana do Salomão comeu meu dinheiro, mentindo". Nesta obra, Paulo Jacob reproduz o discurso antissemita, quando retrata a figura do judeu presente no imaginário popular amazônico: a do negociante desonesto. Samuel Benchimol (2008, p. 85) comenta que na Amazônia, o judeu teve grande expressividade no comércio, sobretudo como regatão, o que despertou ressentimento e ódio travestido de concorrência comercial por parte dos grandes comerciantes.

Há outra imagem que também preenche o imaginário sobre o judeu na Amazônia. Na verdade, esta construção imagética ultrapassa a geografia amazônica, tonando-se uma realidade sul americana, sobretudo no Rio Grande do Sul e Argentina. Falamos da figura da polaca. Marcos Serruya em *Cabelos de fogo*, apresenta a história da judia askenazita Ana Júlia, obrigada e prostituir-se em terras amazônicas. Para NachmanFalbel (2008, p. 316),

a luta contra os traficantes de escravas brancas e a prostituição entre os judeus foi importante para afirmar a identidade judaica desde o início da sua imigração no continente sul-americano, e em especial na Argentina e no Brasil, onde os judeus eram denominados "russos", "turcos" e "polacos", este último nome associado aos tmeim (impuros) ou aos assim denominados chevre-leit (pessoal da sociedade ou do grupo), e, portanto, evitado pelos judeus. O termo "polaco" passará com o tempo a ter a conotação de traficante, ou cáften, assim como "polaca" equivalerá a prostituta aos olhos da população não-judia.

A mesma temática vê-se em *O ciclo das águas*, de Moacyr Scliar. Nesta obra, é exposta a dramática história de Esther, judia askenazita, roubada de sua vila na Polônia e trazida ao Brasil, ao Rio Grande do sul, para a prostituição. A referência à obra de Scliar dá-se, não somente pela similaridade dos enredos, mas pela importância que o autor paraense atribui à dita obra, referenciada na bibliografia utilizada pelo autor para compor o seu *Cabelos de fogo*. Em *A condição Judaica* (1985), Scliar, que era médico além de escritor, comenta que foi o contato travado com uma paciente, velha prostituta judia, que o inspirou a escrever sobre Esther e as garotas judias prostituídas pela TzviMidal, grupo mafioso judaico do início do século XX. A personagem construída por Serruya, de origem askenazita, trava alguns contatos com a comunidade sefardita em Belém. Nesta comunidade, em que grande parte dos irmãos eram *sefaradi* – de origem da Península Ibérica – Ana não se sentia acolhida em razão de sua

situação que feria os princípios éticos e morais da religião e não por sua origem *ashkenazi*. Considerando a história da formação da Comunidade Israelita na Amazônia, Benchimol comenta sobre a presença de judeus askenazitas entre os *sefaraditas*, mas não se cala frente à atitude de exclusão das chamadas polacas, vendidas à prostituição, consideradas *tmeyin*, impuras (SCLIAR, 1985, p. 100-101):

Quando as judias polacas chegavam à América, Argentina, Brasil e Amazônia, já desvirginadas e não conhecendo o idioma local e não possuindo formação profissional e por serem jovens inexperientes, eram encaminhadas e vendidas para os proprietários de bordéis. Eram marginalizadas e discriminadas pelas comunidades judaicas locais, chegando a ter os próprios cemitérios no Rio de Janeiro e São Paulo (BENCHIMOL, 2008, p. 76).

Para além da temática sobre a prostituição forçosa e a mulher judia, roubada do *shtetl*, o que em iídiche significa "cidadezinha", lugar em que moravam os judeus de origem askenazita, Moacyr Scliar em *A majestade do Xingu* apresenta a história de Noel Nutels, "o médico dos índios" (SCLIAR, 1997, p. 9). Retratando uma passagem da história da imigração judaica no Brasil, Scliar mostrará uma outra imagem do judeu em terras brasileiras: a do intelectual e/ou a do judeu bem informado. Noel Nutels é esse judeu bem informado que ganha notoriedade em uma pequena cidade alagoana, o seu "shtetl alagoana" que o recebera amistosamente (SCLIAR, 1997, p. 16).

De igual modo, Eliezer Levy, pai da escritora Sultana Levy Rosenblatt, foi uma figura proeminente no Pará. Advogado de prestígio, foi ainda prefeito de Afuá no Pará e em Macapá, no Amapá. Tornou-se também coronel da Guarda Nacional e fundador do jornal sionista *Kol Israel* ("A voz de Israel"), em 1918, embora ficasse mais conhecido como Major Levy (FALBEL, 2008, p. 128).

A imagem do judeu benquisto, bom político e figura intelectualmente próspera ganha relevo na personalidade de Eliezer Levy. Mas Sultana Levy Rosenblatt (1951, p. 83) em *Uma grande mancha de sol*, apresenta-nos um outro tipo de judeu que ultrapassa a imagem do judeu matador de Cristo, do Judeu errante ou do judeu usurário. Trata-se do judeu não religioso, mas orgulhoso de fazer parte da comunidade judaica, trazendo à memória a história sofrida dos judeus. Embora o judeu da obra de Sultana Levy Rosenblatt (1951, p. 80-81), *Uma grande mancha de sol*, mostre-se um idealista, um intelectual, um médico, esta condição não excluiu o antigo hábito de insultos, recriminações e culpas lançadas aos judeus, ao longo dos séculos. À pequena Míriam sentenciam: "- Beija Nosso Senhor. Olha como ele está todo ferido e com uma coroa de espinhos. – De espinhos? – perguntava a criança aflita. – Quem botou? – Foi tu, teu pai, todos os judeus" (ROSENBLATT, 1951, p. 78). Mas como a própria Sultana atestaria em *Antigamente era assim*, o antissemitismo a encontrou ainda criança. Ao descrever uma cena de escola, Sultana expressou a dura realidade pela qual passaram os judeus na Amazônia:

Logo na primeira aula a professora escreveu no quadro negro – Passem para o masculino as seguintes palavras: Sultana – Judia – Ladra – Galinha. Tomei um choque. Eu era Sultana e era judia, mas não era ladra de galinha. Mas fiz que não me apercebi (ROSENBLATT apud COELHO, 2018, p. 41).

Na obra de Paulo Jacob, *Um pedaço de lua caía na mata*, há um outro perfil do judeu na Amazônia, que ultrapassa o estereótipo do regatão ou do comerciante inescrupuloso. Salomão recebe, vez por outra, esses rótulos, mas também é tachado de hábil negociador. Neste texto, o judeu Salomão logra a simpatia do padre da comunidade, tornando-se, até mesmo, patrocinador e tesoureiro das festas da santa (JACOB, 1990, p. 129 e p. 27). Apesar das injúrias, Salomão procurou ensinar ao filho a não reagir com violência às injustiças. Ainda que tachados de judeus “capados”, dizia ao filho, com orgulho: “O povo de Deus vence pela inteligência, pela cultura e pela paciência. Nunca se viu um judeu sem saber ler nem escrever” (JACOB, 1990, p. 23). Nos textos de cada um desses escritores de origem sefardita vê-se a marca da história e das injustiças sofridas pelos judeus. Arelada à memória estão as angústias, mas também o orgulho de serem judeus. Segundo BellaJozef (2009, p. 195),

dentre as variantes que o judaísmo assume, falando diferentes línguas, manejando diferentes concepções de mundo, o escritor judeu escreve sobre a literatura do passado bíblico, do Holocausto, da repressão e do exílio, o sentido da morte e da vida, como testemunha e sobrevivente. Com obras de múltiplos significados, ampliou os espaços do imaginário e dos territórios ficcionais do patrimônio coletivo universal. Cada autor fala, a seu modo, de sua experiência, do ponto de vista pessoal. Sem as acumulações da memória, não temos cultura. Ser judeu, diz Elie Wiesel, “é viver com memória”. A memória é sobrevivência e um dos traços do relacionamento dos judeus com o mundo. Esses testemunhos mostram, uma vez mais, o poder da palavra contra o esquecimento. O povo judeu tem sobrevivido, desde sempre, pela palavra. Segundo a tradição, todos possuem a obrigação de transmitir sua experiência, de forma criativa, para explicar sua existência. “Lembre-se”, diz o pai a seu filho. Herdeiros de uma tradição, os judeus compartilham um passado comum, uma herança cultural comum e uma memória comum. A consciência histórica tem unido as gerações que vão transmitindo a tradição como herança pessoal e coletiva.

Para além disso, o escritor sefardita acrescenta à iconografia convencional a vivência peculiar na Amazônia. Entre insultos e conquistas, o

judeu vai bem vivendo na nova terra. Jacob resume com excelência este capítulo da história da imigração sefardita na Amazônia:

A paz de Adonai encontrada tão longe. Confinos distanciados de terras. Dois mil anos de andanças perdidas no mundo... A terra de nascimento devastada. Morar na judiaria. Muita malinação contra judeu. Aqui a salvação, a liberdade de viver". (JACOB, 1990, p. 25).

O carneiro e o cabrito são trocados pelo peixe da região. Beiju, tapioca, batata doce passam a fazer parte da dieta do judeu amazônida, mas em sua memória a história e a tradição do povo judeu são passadas aos filhos. Resiste Salomão ao filho. Suas palavras ecoam em terras amazônidas: "Precisa conhecer a lei de Moisés" (JACOB, 1990, p. 53). Henrique Veltman (2005, p. 61) apresenta-nos uma pequena narrativa de Sultana Levy Roseblatt sobre os rituais religiosos judaicos e a busca pela preservação da cultura:

Vale a pena reproduzir uma cena emocionante, narrada pela escritora Sultana Levi, em texto que nos foi entregue por sua prima Anita Levi Soares: "Estava de compras com uma prima, quando ela lembrou que devia ir a uma sinagoga improvisada (no Marajó), onde umas crianças vindas do interior iam ser circuncisadas, e fui com ela. Para minha surpresa, os meninos deviam ter de 9 a 12 anos. Eram três. E os três se aconchegavam um ao outro, calados, trêmulos de medo. Quando um velho de queixo comprido, contando os presentes, anunciou: - Já temos *minyam*, vamos começar. Desencadeou-se uma verdadeira tourada, ou "com que se prende o touro". Os meninos corriam, gritando, proferindo palavrões, defendendo com as mãos o lugar a ser operado, repetindo, "não me cape, seu desgraçado, seu filho da puta, não me cape". E os homens rindo, corriam atrás, cercavam, fechavam a saída nas portas, até conseguirem agarrar os três. De pés atados, ao som das orações próprias, foram circuncisados, diante de todos e sem qualquer anestesia. Minha prima era *chachamá* (sábua, estudiosa). Era descendente do grande rabino Eliezer Dabela, de quem herdou poderes sobrenaturais. Sua presença ao ato era necessária, porque ela tinha o dom de acalmar dores com a força de suas preces. Eu me escondi na outra sala, apavorada. Mas não ouvi gritos, pelo contrário, sons de alegria. Dentro em pouco, tudo estava terminado. Quando vieram me chamar para tomar parte na festa, fiquei surpreendida ao ver os três garotos comendo e bebendo entre os convivas. Já então sorriam e pareciam felizes. É que, mesmo vivendo no interior, na selva, eles aspiravam por este dia. Sentiam orgulho de ser

judeus. Mas este orgulho não nasceu da liberdade de religião prometida aos imigrantes. Absolutamente. Eles tinham que lutar para manter o seu judaísmo".

Em outro texto, *Brasil, terra da promessa*, presente em *Papéis*, Sultana (1999, p. 160), conta-nos uma história peculiar sobre a chegada dos primeiros judeus às terras brasileiras, vindos com Fernando de Noronha, um judeu. Neste caso, o judeu passa a ser visto como um desbravador. Eles "lançaram na terra selvagem as primeiras sementes da civilização". Seguindo esta perspectiva, a escritora judia traça a história da presença judaica no Brasil, considerando seus coirmãos como "colonos que preferiam o encontro com a aventura, o jogo da sorte entre índios antropófagos e os perigos da selva, aos horrores das perseguições inquisitoriais" (ROSENBLATT, 1999, p. 160). A mesma visão Sultana retoma em *Como viemos morar na Amazônia* (ROSENBLATT, 2009), crônica publicada na revista *Morasha*: "É que por esse tempo os rapazes judeus eram encorajados pelos próprios pais a procurarem nova vida, fosse onde fosse. Qualquer lugar seria melhor do que a existência em guetos rodeados de mouros inimigos". A autora apresenta seus familiares e coirmãos, coetâneos ou não, como aventureiros, desbravadores. No entanto, a presença judaica não foi sempre pacífica e às claras. Nos fins do século XIX, "judeus sem disfarce de qualquer natureza" (ROSENBLATT, 1999, p. 170) chegaram à Amazônia, vindos do Marrocos e da Turquia. Viu-se a partir desta época que

as novas imigrações procuravam a Amazônia, esperando talvez que longe da civilização pudessem viver em paz, ou então atraídos pelas fábulas sobre as fáceis riquezas encontradas na região. Tudo resultou num sonho. Só conheceram a vida difícil e primitiva da selva. Lá mesmo muitas vezes foram vítimas de pogroms, saqueados, maltratados, e se algum chegou a gozar bem estar, depois de muitos anos de trabalho dentro da floresta hostil, longe ficou de se considerar rico. [...] Aceitavam a vida quase primitiva, em lugares onde ainda hoje a civilização mal penetrou. Casa, condições sanitárias, alimentos, ambiente, tudo em termos primários. Tornavam-se os médicos e professores dos filhos e da população vizinha. Contribuíam para o desenvolvimento da região com sua capacidade de trabalho e a assistência social que prestavam aos nativos. E como consequência da juventude em contato com a natureza, contribuíam também para o "melhor aspecto heterogêneo da gente", casando-se ou coabitando com mulheres do lugar e com elas tendo filhos. (ROSENBLATT, 1999, p. 171).

De igual modo, Henrique Veltman ao comentar sobre a obra de Paulo Jacob, *Um pedaço de lua caía na mata*, atesta o contato entre a cultura judaica e a amazônica e a tentativa de Salomão de manter-se judeu em uma terra que o conduz à assimilação: "A cultura judaica e a cultura amazônica, ali, têm

contato direto e constante, andam lado a lado, tocam-se, reconhecem-se. Por fim, mesclam-se, inevitavelmente. (VELTMAN, 2005, p. 47).

BellaJozef (2009, p. 194) comenta que ser judeu "é viver e contar sua memória". Os escritores de origem judaica apresentam essa preocupação. Embora contando a seu modo, tal particularidade não retira o valor da escrita que pretende promover e divulgar a história judaica. O conjunto dessas perspectivas, das visões e narrativas produzidas por esses escritores judeus ajudam na formulação de um imaginário do judaísmo. Assim, nos textos sobre os judeus busca-se

reproduzir os gestos e os sons transmitidos pelas gerações, carregar em si a continuidade: a revisão do passado constitui o resgate de um legado cultural. Sentir e ver o temporal e o atemporal, com fé inquebrantável no homem e no direito do espírito. Ver a existência em deslumbramento contínuo diante de uma paisagem nova. (JOZEF, 2009, p. 194-195).

O catálogo de imagens sobre o judeu apresenta-o de modo distinto, como vimos. O escritor sefardita busca deslindar a história da presença judaica sefardita na Amazônia: as agruras, as tristezas, as mazelas, as perseguições, mas também não fecha os olhos para as conquistas. Ele é orgulhoso de sua própria história, da trajetória de seus antepassados que contribuíram para o desenvolvimento do Brasil. É claro que neste catálogo há imagens torpes do judeu. Não apenas segundo a visão do não judeu, por exemplo, ao trabalhar com a lenda do judeu errante, do povo assassino de Cristo, mas o escritor judeu também considera a própria desgraça: prostitutas, rufiões e ladrões judeus aparecem nos textos dos escritores sefarditas. A história é contada e não quer ser esquecida, quer ser conhecida e refletida, como sugere BellaJozef (2009, p. 196). Nem sempre essa história é contada por escritores renomados. Alguns escritos são produções de imigrantes, "os pioneiros da escrita" (IGEL, 1997, p. 7) ou de seus descendentes que já dominariam o idioma nacional. Segundo Regina Igel (1997, p. 7), "é necessário examinar a escrita judaica no país como integrante do mundo literário e do imaginário brasileiro". Além disso, há os aditamentos linguísticos que alguns escritores da temática judaica acrescentam à obra. Paulo Jacob e Marcos Serruya seguiram esta prática: "Essa ponte linguística e cultural empresta uma personalidade singular à produção literária", assim como enriquece os estudos da antropologia e a sociologia, "por oferecerem uma ampla visão de processos individuais e coletivos de adaptação, resistência, acomodação e conciliação dos imigrantes em relação ao novo meio ambiente" (IGEL, 1997, p. 8). Assim, contando e traduzindo, o escritor judeu, no nosso caso, o judeu de origem sefardita, mostra-nos diversos rostos e aspectos do judeu que buscou, na Amazônia, a sua *Eretz*, sua terra de refúgio.

## Referências

A DEMANDA do Santo Graal. Edição de Irene Freire Nunes. Lisboa: Imprensa Nacional / Casa da Moeda, 1995.

BENCHIMOL, Samuel. *Eretz Amazônia*. Os judeus na Amazônia. Manaus: Valer, 2008.

BONDER, Nilton. Apresentação. In: Reginaldo Jonas Heller. *Judeus do Eldorado: reinventando uma identidade em plena Amazônia*. Rio de Janeiro: E-papers, 2010. p. 11-12.

CASCUDO, Luís da Câmara. *Mouros, franceses e judeus: três presenças no Brasil*. São Paulo: Global, 2001.

COELHO, Marinilce Oliveira. A arte da lembrança: A literatura de Sultana Levy Roseblatt na Amazônia. *Faces da história*, Assis-SP, v.5, n.º 2, p. 31-46, jul.-dez., 2018.

CUNHA, Euclides da. *À Margem da história*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

ECO, Umberto. *História da Feiura*. Tradução de Eliana Aguiar. Rio de Janeiro: Record, 2007. p. 266-269.

ELIOT, George. *Daniel Deronda*. Tradução de Marisis Aranha Camargo. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

FALBEL, Nachman. *Judeus no Brasil*. Estudos e notas. São Paulo: Humanitas, 2008.

FERREIRA, Jerusa Pires. O judeu errante: a materialidade da lenda. *Revista Olhar*. Ano 2. N.3. Junho, 2000. p. 1-7.

IGEL, Regina. *Imigrantes judeus, escritores brasileiros: o componente judaico na literatura brasileira*. São Paulo: Perspectiva, 1997.

JACOB, Paulo. *Chuva Branca*. Rio de Janeiro: Editorial Nórdica, 1981.

JACOB, Paulo. *Um pedaço de lua caía na mata*. Rio de Janeiro: Editorial Nórdica, 1990.

JOZEF, B. O olhar judaico: memória e testemunho. In: LEWIN, H., coord. *Identidade e cidadania: como se expressa o judaísmo brasileiro* [online]. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2009, pp. 189-197.

LINS, Wagner. *A mão e a luva: judeus marroquinos em Israel e na Amazônia; similaridades e diferenças na construção das identidades étnicas*. 2010. Tese (Doutorado em Língua Hebraica, Literatura e Cultura Judaicas) – Universidade de São Paulo.

PRAZ, Mario. *A carne, a morte e o diabo na literatura romântica*. Trad port. Philadelpho Menezes. Campinas, Ed: Editora da Unicamp, 1996.

RIBEIRO, Tomás. A judia. In: MESQUITA, Ary de (Org.). *Poesia*. Rio de Janeiro: W. M. Jackson Editores, 1958. vol. 2. (Clássicos Jackson).

ROSENBLATT, Sultana Levy. Como viemos parar na Amazônia. *Revista Morashá*. Edição 30, setembro de 2000. Disponível em: <http://www.morasha.com.br/brasil/como-viemos-parar-na-amazonia.html>.  
Acessado em: 27 de março de 2019.

ROSENBLATT, Sultana Levy. *Papéis*. Belém: Grafisa, 1999.

ROSENBLATT, Sultana Levy. *Uma grande mancha de sol*. Rio de Janeiro: Livraria- Editora da Casa do Estudante do Brasil, 1951.

ROUART, Marie-France. O mito do Judeu Errante. In: BRUNEL, Pierre (Org.). *Dicionário de mitos literários*. Tradução de Carlos Sussekind [et al.]. 2. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1998. p. 665-671.

SCLIAR, Moacyr. *A condição judaica; das tábuas da lei à mesa da cozinha*. Porto Alegre: L&PM, 1985.

SCLIAR, Moacyr. *A guerra no Bom Fim*. Porto Alegre: L&PM, 2011.

SCLIAR, Moacyr. *A majestade do Xingu*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

SCLIAR, Moacyr. *O ciclo das águas*. São Paulo: Círculo do Livro, 1977.

SERRUYA, Marcos. *Cabelos de Fogo*. Edição do Autor. Belém. 2010.

SHAKESPEARE, William. *O mercador de Veneza*. Lisboa: Publicacoes Europa-America, 198-. 2001. (Colecao livros de bolso Europa-America, n.506).

SOUZA, Inglês de. *Contos Amazônicos*. Edição preparada por Sylvia Perlingeiro Paixão. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

SPIELGMAN, Art. *Maus*. Tradução de Antonio Macedo Soares. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

VELTMAN, Henrique. *Os hebraicos na Amazônia*. Março/2005 – Disponível em: [http://www.comiteisraelitadoamapa.com.br/sc/upload/files/Os\\_Hebraicos\\_da\\_Amazonia.pdf](http://www.comiteisraelitadoamapa.com.br/sc/upload/files/Os_Hebraicos_da_Amazonia.pdf). Acesso em 27 de março de 2019.

VERÍSSIMO, Érico. *Olhai os lírios do campo*. São Paulo: Editora Globo. 1998.